

NOTAS

¹Os dados apresentados nas subseções 2.1. e 2.2. foram assim obtidos: alguns foram detectados em gravações de narrativas orais espontâneas (cf. subseção 2.3., para mais detalhes a respeito desses dados), enquanto outros foram anotados no momento de sua enunciação pelo falante (marcados como "avulsos" - av). Ambos vêm as sinalados por aspas.

Devido ao tipo de indagação desenvolvida nessas subseções, porém, algumas vezes foi necessário recorrer a exemplos que não foram colhidos em discursos efetivamente produzidos. (Esses ocorrem sem aspas).

²Cf. Givón (op. cit. p. 423 ss).

³Esta noção será mais explorada na parte 2.3. deste texto.

⁴Mais à frente vou retomar esse conceito, apresentando fatos que o comprovam.

⁵Givón (op. cit., p. 151 ss) apresenta o seguinte esclarecimento: línguas ergativas são aquelas em que o sujeito das orações intransitivas e o objeto das transitivas recebem a mesma marca - o caso absolutivo -, enquanto o sujeito das sentenças transitivas recebe uma marca própria - o caso ergativo.

De um modo geral, o caso ergativo é morfologicamente marcado, enquanto o absolutivo é morfologicamente não-marcado (zero).

Em muitas línguas ergativas (embora não em todas), há a chamada construção anti-passiva (AP), um recurso que evidencia um menor grau de transitividade da estrutura, aproximando-a das orações intransitivas. Em primeiro lugar, o objeto na construção AP não recebe a marca geral do caso absolutivo, comum na construção ergativa, mas uma marca de oblíquo/objeto indireto. Nesse sentido, a fra

se não tem um objeto direto. Além disso, freqüentemente como consequência, o sujeito/agente perde seu traço característico de ergatividade, ficando não-marcado (portanto, no caso absolutivo).

Givón analisa tal construção numa série de línguas, concluindo que todas elas oferecem evidência de que a anti-passiva opera em contextos pragmático-discursivos em que o objeto é menos referencial ou menos tópico (no sentido de ser menos importante/contínuo).

Com relação às línguas nominativas, Givón (p. 147) lembra que a categoria "sujeito" é assinalada independentemente de a oração ser transitiva ou intransitiva. Portanto, em contraste, o objeto direto das sentenças transitivas recebe uma codificação diferente, seja em termos de morfologia, seja na ordem de vocábulos, ou seja uma combinação de ambas. Também nessas línguas há recursos que assinalam objetos menos-típicos: são as regras de incorporação de objeto, supressão de objeto não-especificado e demissão do "status" de objeto direto, conforme se verá a seguir.

⁶Para esclarecer essa idéia de saliência semântico-pragmática, realçada por vários estudiosos de tipologia lingüística, convém lembrar o que nos diz Comrie (1983).

Analisando diferentes construções numa série de línguas, esse autor conclui o seguinte:

"a construção menos marcada formalmente é também menos marcada em termos de propriedades do mundo real ou, mais acuradamente, em termos da concepção do mundo que as pessoas têm." (p. 2)

Desse modo, segundo ele, há uma correlação entre os fatos lingüísticos e situações pragmáticas.

Para captar muitas generalizações válidas através das línguas, Comrie propõe uma hierarquia de saliência de sintagmas nominais. Esta, constituída de duas sub-hierarquias, abaixo arroladas, deve ser interpretada assim: os SNs mais à esquerda de cada escala são mais salientes que os da direita (Cf. p. 14-15).

- a) Definido > indefinido específico > não-específico
- b) 1ª e 2ª pessoas > outros humanos > outros animais > inanimados.

⁷ Em um artigo anterior (Cf. Saraiva (1987)), estudo este tipo de construção do português coloquial, em que o objeto indireto se move para a posição logo após o verbo, antes do objeto direto, havendo a elipse da preposição que o introduz. Em português, embora esses casos sejam registrados, não são tão frequentes como, por exemplo, no inglês.

⁸ Perini e Fulgêncio (1987:81) analisam esta frase, explicando a omissão do objeto, neste contexto, por previsibilidade. Veja-se que, se o objeto fosse "um ovo grande", deveria vir expresso.

⁹ Neste, e em outros exemplos a seguir, as aspas assinalam a oração enunciada pelos falantes. A parte fora das aspas remete-nos ao teste proposto.

¹⁰ A numeração é minha.

¹¹ Os julgamentos marcados nos exemplos abaixo referem-se à adequação, ou não, do conjunto: pergunta/resposta.

¹² Parte deste exemplo já havia sido mencionada antes, sob o número (33).

¹³ Observe-se que o verbo banhar-se sugere um registro mais formal que a locução tomar banho. Mas, para as distinções em desta que, relativas à interpretação do sujeito nas estruturas de "objeto incorporado", o exemplo é pertinente.

¹⁴Parte do exemplo (150) já havia sido apresentada antes, como (15). Aqui aparece sob outra numeração por se tratar de um trecho mais extenso que o apresentado em (15).

¹⁵Mais adiante vou explicar o que se entende por estrutura de "backgrounding" (fundo).

¹⁶Para os objetivos desta parte, não é necessário estabelecer-se diferença entre as chamadas orações absolutas e as coordenadas: ambas serão aqui incluídas no rótulo de independentes.

¹⁷Por complexidade pressuposicional, Givón (op. cit., p. 49) entende, principalmente, "o grau de dificuldade que o falante pensa que o ouvinte terá para assinalar referência única a um argumento ("participante", "sintagma nominal") no discurso.

¹⁸Alguns exemplos que ilustram as observações desta parte, com referência à relação entre "figura"/"fundo" e "objeto incorporado", são apresentados no apêndice.